

EVOLUÇÃO DOS FLAVIVÍRUS

Paolo Marinho de Andrade Zanotto
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

FATORES ASSOCIADOS COM A EMERGÊNCIA DA FEBRE DO OROPOUCHE

Francisco de Paula Pinheiro
Instituto Evandro Chagas, Belém, Brasil

A Febre do Oropouche é uma arbovirose que se manifesta sob a forma de um quadro febril agudo, acompanhado de cefaléia, mialgias, artralgias, e outras manifestações sistêmicas. O quadro clínico varia de 2 a 5 dias. É comum a recorrência dos sintomas alguns dias após o episódio inicial porém, as manifestações são menos intensas. Alguns pacientes apresentam um quadro de meningite asséptica. A recuperação ocorre sem seqüelas, não havendo registro de óbitos. Uma das características importantes da Febre do Oropouche é sua capacidade de ocasionar epidemias em zonas urbanas, a maioria das quais foi detectada na região Amazônica do Brasil. Epidemias também foram assinaladas em centros urbanos da Amazônia peruana e no Panamá. No Brasil, as epidemias foram registradas nos estados do Pará, Amapá, Amazonas, Tocantins, Maranhão e Rondônia. O número de casos destas epidemias oscilou entre algumas centenas a cerca de 100.000. Todos os grupos etários podem ser infectados. Ambos os sexos são atingidos, com ligeiro predomínio do sexo feminino em algumas epidemias, enquanto que em outras verifica-se o oposto; em uma epidemia da arbovirose na cidade de Santarém, Pará, contudo, o número de casos no sexo feminino foi o dobro em relação ao masculino. Em certas epidemias a Febre do Oropouche incide em inúmeras cidades ou vilas situadas em uma determinada área geográfica. A maioria das epidemias ocorre durante a época das chuvas, podendo-se estender ao período de seca, embora com muito menor intensidade. Estudos realizados no Brasil sugerem a existência de dois ciclos da Febre do Oropouche, quais sejam urbano e silvestre. No ciclo urbano o vetor é o maruim *Culicoides paraensis*, pertencente à família *Ceratopogonidae*. Os maruins são ativos durante o dia, particularmente ao entardecer, picando as pessoas tanto dentro como fora das casas. Após um período de incubação extrínseca, os maruins infectados transmitem o vírus a pessoas suscetíveis, através de picada. No ciclo silvestre participam, possivelmente, edentados, primatas não humanos e certas espécies de aves silvestres; o vetor silvestre ainda é desconhecido. A conexão entre os dois ciclos deve-se, provavelmente, ao homem que, infectado em área enzoóticas, serve de fonte do vírus ao *C. paraensis*, ao retornar a ambiente urbano em estado virêmico. A par disso, estudos realizados no Peru, sugerem que o vírus Oropouche pode-se manter sob forma endêmica em centros urbanos. A existência de pelo menos três linhagens filogenéticas do vírus Oropouche poderia ter implicações nos seus aspectos epidemiológicos e ecológicos. As causas associadas com a emergência da Febre do Oropouche ainda são pouco estudadas. Partindo-se da aceitação dos dois ciclos da virose é plausível se admitir que o acúmulo de pessoas suscetíveis e a coincidente elevada densidade de *C. paraensis* em áreas urbanas ou rurais seriam os fatores básicos para o início de uma epidemia, o que aconteceria com a introdução do vírus nessas áreas através de indivíduos virêmicos infectados na floresta. Não se pode afastar, contudo, que pessoas infectadas em áreas urbanas de baixa endemicidade poderiam servir de fonte do vírus.